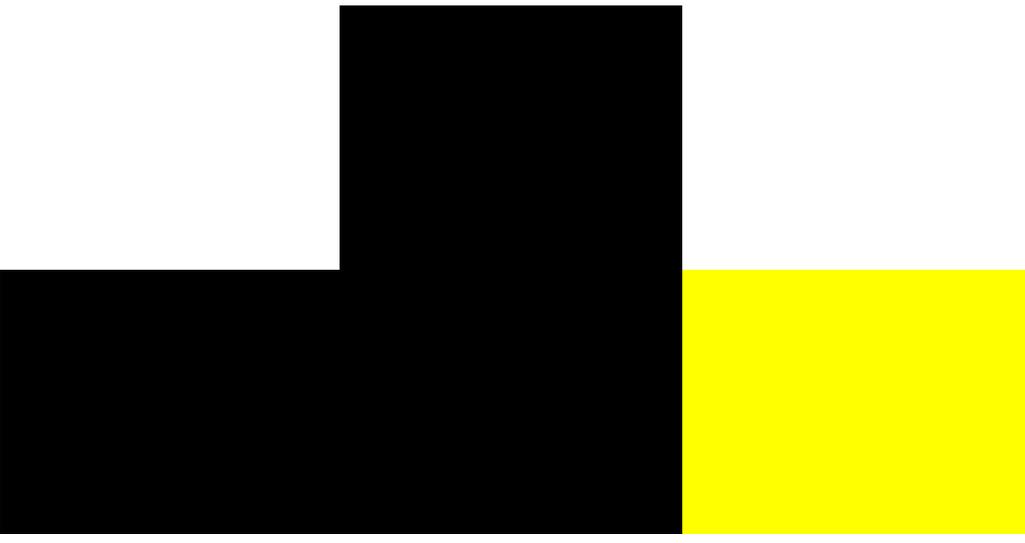


Práticas decoloniais e antirracistas no Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos

Mauro Luiz da Silva

Doutor e Mestre em Ciências Sociais; Curador do MUQUIFU; pesquisador na área da Museologia Social, de base comunitária e quilombola; atua em frentes de combate e erradicação do racismo religioso.



No processo de criação do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos (Muquifu), em Belo Horizonte, assim como a formação de suas coleções, nada foi ingênuo ou aconteceu por acaso. Nossas ações não foram conduzidas pelo acaso. Nós sabíamos o que estávamos fazendo e tínhamos consciência que o campo da memória é terreno perigoso, principalmente quando toca as questões relacionadas às memórias da cidade e, por isso, em diversas ocasiões, questionamos qual é a intenção de quem constrói um museu, para que e para quem? Entendíamos, desde o início desse processo, que também queríamos o poder que só tem quem conhece, valoriza e atua na preservação da sua história. Estávamos cansados de não nos reconhecermos nos museus que visitávamos e que apresentam a história do povo negro apenas no seu aspecto doloroso; buscávamos outras representações de nós mesmos e dos lugares onde habitamos.

O Aglomerado Santa Lúcia (ASL), conjunto de favelas onde se encontra o Muquifu, está organizado em torno das lutas por direitos fundamentais: saúde, moradia, saneamento, educação, trabalho e cultura. A equipe gestora do Muquifu, desde o tempo do “Memorial do Quilombo”¹, buscou aproximar, metaforicamente, o conceito daquilo que foi o Quilombo de Palmares, dos atuais quilombos tradicionais e urbanos, ao que são hoje as vilas, favelas e aglomerados urbanos.

A concepção do Muquifu pode ter se dado por ocasião da preparação para a festa de Nossa Senhora Aparecida, organizada pela Paróquia Nossa Senhora do Morro que, no ano 2000, decidiu organizar não apenas uma simples procissão religiosa, mas a primeira “Caminhada pela PAZ”, realizada em 12 de outubro de 2000; que fez nascer o Projeto Caminhada pela PAZ e, por sua vez, o evento “Quilombo do Papagaio” em 20 de novembro de 2001, que levou à inauguração do “Memorial do Quilombo”, em 20 de novembro de 2007, no Centro Social Padre Danilo, localizado no antigo Beco Santa Inês, hoje Beco dos Ratos, número 30, na Barragem Santa Lúcia, e que posteriormente passou a ser a primeira sede do Muquifu, inaugurado em 20 de novembro de 2012.

¹ O Memorial do Quilombo foi a primeira iniciativa de se colecionar documentos e relatos referentes ao Aglomerado Santa Lúcia. A partir de 2007, esse acervo foi disponibilizado para a comunidade local, tornando-se o primeiro núcleo de memória local que veio a se tornar, em 20/11/2012, o Muquifu.

Podemos identificar outras experiências geradoras que contribuíram para o nascimento do Muquifu, como o meu período de estudos na Itália, por ocasião da graduação em História e Tutela do Patrimônio Cultural, que teve como trabalho de conclusão de curso a transformação do *Memorial do Quilombo* no *Muquifu*, já que a história não se faz de forma linear, e diversas ações podem atuar sobre alguém e sobre um lugar para influenciar fatos novos, histórias novas. Certamente o evento anual *Quilombo do Papagaio* foi uma das forças criadoras do Muquifu. Em 2007 o tema que conduziu as discussões das *Três Semanas de Paz e Cidadania* foi a “História e o Direito à Memória dos negros e favelados”. Tais debates aconteceram quando o aglomerado passou a fazer parte do *Programa Vila Viva*², gerando mais debates acerca da urgência de se preservar a memória dos moradores, quando a *Comissão do Quilombo* passou a questionar, nas reuniões organizadas pelo *Vila Viva*, para onde iriam as famílias que teriam suas casas demolidas. O Muquifu é um museu comunitário, de território, que aplica em suas ações os conceitos da chamada Museologia Social. Faz parte indissociável de nossa prática a busca por transformar o lugar onde habitamos. O foco desse museu não está nos objetos que colecionamos, mas, sim, nas histórias que esses objetos contam e nas pessoas que os levaram para lá. Nosso foco é a memória narrada pelas pessoas. Nossas ações não estão focadas no prédio, estão ligadas prioritariamente ao território no qual somos agentes de mudança.

Não existe nenhuma instituição museológica que esteja pronta e o Muquifu também não está. O que percebemos é que o Muquifu já cumpre a missão à qual se dispôs executar: colecionar as memórias dos moradores das favelas e dos quilombos urbanos. Certamente não preservamos todas as histórias das comunidades, isto seria impossível. O Muquifu cumpre um papel social, questiona a cidade e suas fronteiras físicas e simbólicas. Outra função do Muquifu, além de preservar histórias e memórias das populações periféricas, é denunciar as histórias que foram abandonadas, que foram historicamente

² O *Programa Vila Viva* é uma intervenção estruturante com ações baseadas em três eixos: urbanístico, social e jurídico. São obras de saneamento, remoção de famílias, construção de unidades habitacionais, erradicação de áreas de risco, reestruturação do sistema viário, urbanização de becos, além de implantação de parques e equipamentos para a prática de esportes e lazer (Site da PBH, 24.03.2022).

soterradas. Quando andamos pelas comunidades e nos deparamos com mais uma casa demolida buscamos descobrir quem morava ali e quais eram as histórias de seus moradores. Certa vez nos deparamos com uma intervenção artística em uma casa demolida: “*Era só mais um Silva*”. No olhar dos gestores públicos, um Silva a mais, um Silva a menos não faz diferença.

Os museus não são instituições ingênuas, nada em um espaço de memória, de qualquer tipologia ou dimensão – público, privado ou comunitário – se encontra ali por acaso. Algo que devemos nos perguntar, quando visitamos um museu, é: “Quem ou qual instituição é responsável por aquela coleção? Porque colecionou e quais as intenções e objetivos daquele lugar? Quais são os projetos que este espaço de memória serve?”. Foi com este olhar que, ao longo dos meses de agosto e setembro de 2021, nos dedicamos a refletir, profundamente, a respeito da *Coleção Amigas da Cultura*, que esteve em exposição no Museu Mineiro, em Belo Horizonte. Esta oportunidade nos foi oferecida por aquele museu, que convidou o Coletivo MUQUIFU³ para uma experiência de *Ocupação Artística e Cultural*. Naquela oportunidade buscamos construir “*Diálogos possíveis: Museu Mineiro e Muquifu*”. Esta *ocupação* foi desenvolvida por mim e pelo artista plástico e membro do Coletivo Muquifu, Cleiton Gos. Durante dois meses nos envolvemos em ações nos espaços do Museu Mineiro: exposições, administração, reserva técnica e nos diversos conteúdos disponíveis em ambiente virtual.

A Exposição Amigas da Cultura, no Museu Mineiro

A experiência no Museu Mineiro, mesmo que tenha sido tão breve, trouxe-nos novos e diversos questionamentos, foi impossível não comparar as formas tão distintas de colecionar, expor e contar algumas das histórias que chegam nestes dois espaços museais. A *Exposição Amigas da Cultura* foi – se nos permitem a comparação – como um soco na boca do estômago, uma espécie de salão dos horrores. Não nos limitamos a passar por aquela sala de exposições temporárias de forma insensível, como se não tivéssemos sido

³ Atual equipe gestora do Muquifu: Alexsandro Trigger, Caroline Gomes de Oliveira, Catharina Gonçalves Rocha, Cleiton Gos, José Augusto de Paula Pinto, Mauro Luiz da Silva e Samanta Coan.

agredidos em nossa dignidade. Em contrapartida à agressão recebida, retornamos mentalmente ao Muquifu e renovamos nosso compromisso com o resgate das histórias e memórias silenciadas, para não abandonar tudo ali mesmo, no pátio externo, nos jardins ou em algum dos banheiros do Museu Mineiro.

Em uma de nossas visitas nos deparamos com a montagem da fatídica exposição, durante a organização das peças e definições a respeito da expografia. Nossa primeira impressão foi de um total horror diante dos instrumentos de suplício de escravizados e escravizadas que compunham aquela coleção. Desde o nosso primeiro contato um turbilhão de sentimentos chegou a nos tirar o sono. Temos horror desses instrumentos que foram utilizados para conter, submeter, supliciar, torturar e matar nossos antepassados escravizados. Chamou nossa atenção o fato de ver esses instrumentos de suplício ocupando o mesmo ambiente, dividindo a mesma sala, entre todos aqueles objetos sacros: imagens de santas e santos barrocas, objetos litúrgicos, oratórios, pinturas, forro de alguma capela barroca, crucifixos. A sala e os expositores já estavam pintados em vermelho bordô, cor de sangue, e um único expositor pintado de cor preta, justamente o que foi preparado para receber os instrumentos de suplício, ainda faltando serem instaladas as cúpulas de vidro em cada expositor. O projeto de iluminação era de uma beleza poética e tudo ainda estava por ser concluído, tudo ainda sendo organizado, o que nos possibilitou vivenciar importantes reflexões e dialogar com a equipe do Educativo e Administrativo do Museu Mineiro. Para alguns questionamentos ainda não encontramos respostas: Qual é a relação entre todas aquelas peças sacras e os instrumentos de suplício? Quais as mensagens as Amigas da Cultura, e outras pessoas que colecionaram tais objetos, querem nos transmitir? Como uma criança negra vai se sentir naquela sala, diante daqueles objetos? Qual é o meu lugar enquanto homem negro neste museu e nos outros museus de Belo Horizonte, de Minas Gerais e do Brasil? Arrisco não uma resposta, já que isso seria impossível, mas deixo algumas pistas para contribuir com quem desejar se lançar nesse universo da Museologia Social/Comunitária – como é o caso do MUQUIFU – e das buscas por outras representações nos museus, que não seja a que nos foi imposta até hoje:

os museus de nossa cidade não contam as histórias das populações negras e indígenas. Tais museus são espaços colonizados, higienizados, eurocêntricos e opressores.



Coleção das Amigas da Cultura: Instrumento de suplício de escravizados no Museu Mineiro

Foto de Divulgação Acervo: Museu Mineiro Ano: 2021

A coleção nos causa horror e indignação, mas não nos imobiliza. Aqueles instrumentos utilizados para supliciar nossos antepassados negros – como nos ensinou a historiadora Nila Rodrigues Barbosa, em sua recente obra “Museus e Etnicidade, o negro no pensamento museal” (2018) – não nos pertencem. Aqueles instrumentos de suplício de escravizados pertencem a quem os confeccionou, a quem os adquiriu, a quem os colecionou e a quem os expõe. Nossa história e a história do povo negro não se resumem ao período no qual os homens brancos nos caçaram em África, quando nos traficaram em troca de dinheiro, exploraram nossa força de trabalho, estupraram, violentaram, torturaram e nos mataram. Aqueles instrumentos pertencem a quem nos escravizou e, agora, aos seus herdeiros.

Por questão de organização, vamos considerar como objetos de escravidão não apenas os instrumentos de suplício colecionados pelas Amigas da Cultura. Vamos incluir as imagens e pinturas sacras/barrocas e os objetos litúrgicos católicos, vamos considerar

tudo como objetos de escravidão. De alguma forma que ainda não conseguimos interpretar, tais objetos fazem parte de uma mesma coleção, estão em um mesmo espaço – antes estavam no Museu Mineiro como empréstimo e fazem parte daquele acervo, antes uma coleção privada, que agora se tornou pública.

Buscando compreender a intencionalidade das *Amigas da Cultura* ao colecionarem todos aqueles objetos de escravidão – santos e grilhões – precisamos rever nosso conceito de cultura, precisamos compreender a cultura como experiência que vai além de comportamentos e tradições herdados do passado. É necessário incluir neste conceito os mais diversos conhecimentos que acumulamos em nossa convivência social, nas diferenças, nas redes de compartilhamento de símbolos e valores compartilhados em um grupo ou na sociedade como um todo. Pois bem, o que entendemos a respeito da presença daqueles instrumentos de suplício de escravizados na coleção do Museu Mineiro e, por um breve período, na mostra de curta duração *Exposição Amigas da Cultura*, são mensagens nada sutis. Aquela exposição falava sobre as expectativas que se tem em relação a nós, descendentes daquelas e daqueles que foram escravizados, ou seja: nós não pertencemos àquele lugar, àquele museu – mesmo se tratando de um espaço público, que deveria acolher todas e todos – nossas histórias não são referendadas e não são reverenciadas ali. Nossos corpos permanecem subalternizados e nossas memórias, mesmo que incomodamente vivas, permanecem silenciadas ali. É urgente denunciar a ausência dos nossos corpos negros em tais espaços, é urgente exigir que nos sejam devolvidos nossos lugares nos espaços de cultura e de memória coletiva.



Coleção das Amigas da Cultura: Instrumento de suplício de escravizados no Museu Mineiro

Exposição Amigas da Cultura Acervo: Museu Mineiro Foto: Mauro Luiz da Silva, 2021

Entre imagens barrocas de santas e santos católicos está um grupo de instrumentos utilizados para o suplício de negras e negros escravizados. Pois então, é desse lugar que falamos: homem negro, nascido em Belo Horizonte, filho de pai negro e mãe branca, belorizontinos também, avós vindos do interior de Minas Gerais. Buscamos interpretar os silenciamentos das histórias negras naquele museu e, de forma tão contundente, naquela exposição temporária. Porque nossas histórias não são contadas ali? Aqueles instrumentos de suplício não nos representam, pois, não nos pertencem. Digo isso também em relação às peças sacras, católicas e barrocas, pois nunca deixamos de ouvir o chamado da *Caixa de Moçambiques*, da ancestralidade afrodiaspórica, das religiosidades de Matriz Africana: experiências que nunca foram sufocadas.

O barroco dos altares e toda opulência do ouro e dos objetos litúrgicos dos homens brancos não nos representam. Nossa fé resistiu aos açoites dos “sinhôs” e das “sinhas”. Por

nossa ancestralidade africana teimamos, sobrevivemos, resistimos. Pra passar o *cajado* adiante, pra quem virá depois de nós. A angústia diante do horror barroco – com seus santos de ouro, manchados de sangue, cobertos de pedras preciosas e colocados na mesma sala onde estão os grilhões – não nos imobilizou, pelo contrário, nos convocou pra luta.



Coleção das Amigas da Cultura: Instrumento de suplício de escravizados no Museu Mineiro

Foto de Divulgação Acervo: Museu Mineiro Ano: 2021

A *Exposição Amigas da Cultura* foi mais uma oportunidade para que tais questões fossem trazidas para o debate. Voltando nosso pensamento para a exposição, ao entrar na sala, nosso olhar era capturado pelo primeiro expositor – o único pintado de cor preta e era, também, o mais baixo em comparação aos que apresentavam as peças sacras/católicas – estes eram pintados de cor vermelha bordô, a mesma cor das paredes. Por sugestão nossa o expositor pintado de preto, que durante a organização do espaço estava no fundo da sala, foi trazido para o centro da exposição, com um conjunto de quatro instrumentos de suplício de escravizados. Podíamos observar a iluminação poética e meticulosamente planejada, a disposição das peças sacras, então dispostas em um semicírculo quase

reverente aos objetos de suplicio, trazidos após a nossa intervenção para um lugar de destaque.

Daqui de onde observamos, reconhecemos ali a alma da mineiridade: alma sadicamente piedosa, dos homens brancos, colonizadores e escravocratas, que acumulam ouro derramando sangue negro. Impiedosos. Fazem isso diante de olhares coniventes, sob as bênçãos e a omissão dos que se dizem crentes, dos que continuam açoitando gente preta que foi desumanizada, torturada, humilhada, escravizada, vendida, explorada e morta. As mesmas mãos brancas que, se dizendo tementes a Deus, rezam o Rosário e açoitam os corpos negros das mulheres escravizadas, daquelas que amamentam os filhos brancos das sinhás.

A coleção “O Mundo de Januária”, no Muquifu

Maria Januária nasceu em 1921, na cidade de Carmésia/MG, na infância e adolescência trabalhou como agricultora rural. Chegou a Belo Horizonte em 1954, aos 32 anos, há 66 anos mora no Morro do Papagaio, uma das vilas do Aglomerado Santa Lúcia. Na capital mineira ela trabalhou como doméstica, lavadeira, cozinheira, costureira e, aos 94 anos de idade, ainda costurava para uma fábrica, que levava e buscava as encomendas em sua residência. Dona Januária nos procurou em meados de 2015 dizendo que “gostaria de doar as coisas dela para o museu”, mas precisava de alguém para buscar os objetos, visto ter dificuldades de locomoção. Quando vi o que ela se propunha a doar fiquei encantado, mesmo sem entender por que ela estava se desfazendo daqueles objetos. Dona Januária, que estava presente na ocasião, disse ter certeza de que no museu ninguém iria jogar suas coisas fora. Seis objetos formam o Mundo de Januária: um relógio, um crucifixo, um quadro do Sagrado Coração, uma panela pra fazer cuscuz, uma balança de comércio e uma lamparina.

O Mundo de Januária é uma coleção de objetos biográficos, doados por Maria Januária. Tais objetos ainda nos provocam diversos questionamentos a respeito do papel social que esse museu exerce no Aglomerado Santa Lúcia. Dona Januária fez contato com

o Coletivo Muquifu em busca de algum lugar onde suas *coisas*⁴ não fossem jogadas no lixo após a sua morte. Em duas oportunidades, pude acompanhar o processo de doação de bens assim como a coleta e registro da narrativa de Dona Januária.

Tais objetos e, principalmente, o gesto de Dona Januária, despertaram em mim questionamentos que, ao longo de vários encontros com ela foram sendo respondidos. Ela contou que o neto, morador da parte de cima de sua casa, queria que ela se livrasse “daquelas coisas” que, para ele, eram coisas velhas sem nenhum valor. O neto tampouco permitia que Dona Januária pendurasse o crucifixo e o quadro na parede de casa. Com medo de que o rapaz descartasse tudo após sua morte, ela decidiu doá-los ao Muquifu. Para Dona Januária, as suas coisas tinham importância e é sobre isso que Kelly Freitas trata em sua dissertação de mestrado (2016). Atualmente, junto à exposição dessa coleção encontram-se fragmentos da entrevista concedida por Dona Januária a Freitas, narrando porque doou os objetos e a importância de cada um. A coleção O Mundo de Januária é um exemplo de que o Muquifu cumpriu sua função social.

Dona Januária entendeu perfeitamente que o museu serve pra isso: para preservar tesouros, as coisas, aquilo que tem valor. E não para abrigar o que a pessoa quer descartar, mas não tem coragem de jogar fora. Dona Januária entendeu que o museu vai proteger e preservar sua história e memória, o que, a meu ver, é fantástico. A coleção Dona Januária resume toda a missão do Muquifu. Assim que os objetos chegaram, a equipe se mobilizou para encontrar um lugar de destaque para a coleção, de forma a ficar em destaque e chamar atenção. Quando se percebeu, tínhamos colocado a coleção no meio da sala, quando então veio a proposta de Kelly Freitas, encarregada da curadoria. Nas palavras da Kelly:

Lembramo-nos da grande queixa dela, quando o neto tinha mandado tirar os objetos da parede. Então, empurramos a estante para um canto e desrespeitamos todas as regras da expografia, as

⁴ É esta a forma com que Dona Januária se refere aos objetos trazidos por ela para o Muquifu: “as minhas coisas”. Os objetos trazidos em 2015 são: um crucifixo de madeira, um quadro do Apostolado da Oração, um relógio de pulso, uma balança de comércio, uma cuscuzeira, uma lamparina.

regras museológicas. Não respeitamos regra nenhuma. Se tem uma coisa que um museu normalmente não faz é pregar objetos nas paredes. Nós tínhamos que respeitar a história de Dona Januária. Ela queria que o quadro e o crucifixo ficassem na parede. Ponto final, sem filosofia, sem nada. Eles estão pregados na parede. Se alguém quiser entender o Muquifu, basta entender a coleção de Dona Januária⁵.



O Mundo de Januária Fonte: Acervo do Muquifu, 2015.

Coleção: Quadro Religioso, Crucifixo, Lamparina, Balança, Relógio e Cuscuzeira.

A curadoria da exposição O Mundo de Januária ficou a cargo de Kelly Freitas que, naquele momento, desenvolvia sua pesquisa de mestrado. A escuta desenvolvida por Freitas (2016) a Dona Januária é apresentada nas reflexões a seguir. Quando Januária participou da rede mundial Apostolado da Oração recebeu de presente da organização uma das coisas mais preciosas de sua coleção, o cartaz do Apostolado Sagrado Coração de Jesus, que ela mandou colocar em uma moldura de madeira e dependurou na parede da sala, junto a outros quadros representantes de sua fé católica. O cartaz ficou no mesmo

⁵ Entrevista concedida a este pesquisador em 2017.

lugar por diversos anos, até quando seus familiares passaram a frequentar a religião evangélica e retiraram da parede os quadros de Januária, com a alegação de que não podiam mais ficar olhando para santos. Dona Januária relata:

Quando eu morrer, vocês faz assim: quando não quiserem mais os quadros dos santos aí, vocês pega, põe no canto do meu caixão e manda tudo comigo. Põe debaixo da terra comigo, mas não joga na rua não. Vocês dá pros outro, mas não joga meus santos na rua não. Põe no canto do meu caixão, que eu levo comigo (Dona Januária, em 2015).

Após uma forte chuva derrubar parte do forro do telhado de sua casa, alguns de seus familiares decidiram jogar as coisas dela em uma caçamba. Diante dessa grave situação, por ela narrada com emoção, Dona Januária conclui:

Não tenho documento nenhum, eu só tenho carteira de identidade, eles jogou muita coisa de valor minha fora. Meus documentos sumiu tudo. Jogou essa balança minha fora, jogou uma porção de trem meu fora. Tinha uma caixa de papelão assim, juntei os documentos tudo nessa caixinha, que toda vida eu fui muito caprichosa com as minhas coisas, diz que choveu, molhou a caixinha e jogou tudo fora. Foi as carteiras de trabalho do meu falecido marido, o retrato do meu irmão mais novo que morreu com 25 anos, o papel do meu seguro o que tava lá foi tudo embora Mas não ficou nada. E eu calma, não briguei. Que não adianta, eu ia brigar para quê? Para ficar nervosa? Para caçar confusão? Eu fiquei sem nada. O que eu faço com esses pesos agora? Que a balança ele jogou na caçamba. (Dona Januária, 2015).

Januária refletiu sobre sua vida, sobretudo prevendo o descarte de suas coleções, algo que poderia acontecer depois de sua morte:

Eu não posso levar comigo, eu não sei onde eles vão pôr e eu tenho muita estimação pelas minhas coisas. Então eu vou dar para o Padre Mauro para pôr no museu, que lá não some, fica para sempre, enquanto existir o museu existe aí. Então eu pensei, pensei, eu falei assim eu sei que quando eu morrer vão jogar tudo no lixo mesmo, é isso que eles vão fazer, e no museu não vai pro lixo, aí eu dei para o padre Mauro. (Dona Januária, 2015).

É o Coletivo Muquifu que pensa a programação do museu, reflete sobre sua missão, acolhe e expõe o acervo que é trazido pelos moradores do Aglomerado Santa Lúcia, de outras favelas e dos quilombos urbanos de Belo Horizonte. Temos uma gestão coletiva, buscamos desenvolver uma museologia construída pelas pessoas que habitam as vilas e favelas da capital mineira. Aquela experiência no Museu Mineiro nos trouxe muitos frutos. Esperamos ter outras oportunidades para aprofundar esta parceria, mas não nos interessa trazer nenhum daqueles instrumentos de suplício para serem expostos no Muquifu. Não pretendemos acolher entre nós tais aberrações.

Dentre as diversas coleções do Muquifu temos um núcleo que merece atenção: a exposição “Doméstica, da escravidão à extinção: uma antologia do Quartinho de Empregada no Brasil”. Este núcleo é composto pelo *Quartinho de Empregada*, a *Área de Serviço* e o *Presente de Patroa*, que é um conjunto de objetos doados por patroas brancas a suas empregadas pretas. O *Presente de Patroa* discute estas realidades que nos foram impostas: a ação de homens brancos e mulheres brancas diante de todas nós, mulheres e homens pretos, ainda escravizados e silenciados nos subempregos, com nossos corpos subalternizados pelos mesmos colonizadores do passado.

A coleção doada ao Museu Mineiro pelas Amigas da Cultura está em oposição à coleção de um grupo de mulheres pretas – domésticas – que, para se livrarem dos “presentes” oferecidos por suas patroas brancas, os descartam nas lixeiras do Muquifu. Entre nós não há mais lugar para as coleções das sinhás e dos sinhôs, para estes símbolos de opressão, nem mesmo para serem jogados no lixo ou ficarem escondidos na nossa

reserva técnica: no Muquifu temos lugar para as coisas de Dona Januária, onde colecionamos apenas tesouros.



Dona Januária faz a mediação das suas coisas com as crianças da catequese no Muquifu

Acervo: Muquifu

Ano: 2015

Foto: Kelly Freitas

Referência

FREITAS, Kelly Amaral. **As forças culturais do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos e o poder de ressonância nos objetos biográficos**. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Belo Horizonte: Universidade do Estado de Minas Gerais, 2016.